



Escola de Líderes de Jovens
SEMINÁRIO
JESUS CRISTO
LIÇÃO 3
Jesus e Sua Humanidade

Rua Morubixaba, 75 - Iguaçú - Ipatinga/MG - Fone: 3822-2475

Não podemos falar de Cristo sem falarmos de sua natureza humana, caso contrário, seremos incompletos. Dizer que "o Verbo era Deus" (10 1.1) é apenas metade do assunto. Pois, também está escrito: "O Verbo se fez carne" (10 1.14). Como qualquer outra doutrina das Escrituras, a natureza de Cristo tem de ser analisada à luz de todas as passagens sobre o assunto, e não apenas em partes selecionadas que ignorem outros textos referentes ao mesmo tema. Se é importante dizer que Jesus é Deus, também é igualmente importante mostrar que Jesus foi homem como nós.

1. O testemunho das Escrituras

"Pelo que convinha que em tudo fosse semelhante a seus irmãos" (Hb 2.17).

Para que o propósito divino tivesse êxito, o Filho de Deus teria de tomar sobre si a humanidade completa. Era necessário que em tudo se tornasse um de nós. O que o Filho fez ao torna-se carne foi traduzir o Deus inacessível para uma forma que a humanidade pudesse compreender.

"E o Verbo se fez carne e habitou entre nós" (10 1.14). Para os gnósticos (para quem a matéria era totalmente má) e para o atual movimento Noya Era (altamente subjetivo) um salvador "que participou da carne e sangue" (Hb 2.14) é inaceitável.

"Jesus Cristo veio em carne" (2Jo 7) foi o grito do apóstolo João contra as doutrinas que, por tanto mistificar o Filho de Deus, o colocam como um "avatar" do amor ou como um mero "espírito evoluído".

Graças a Deus, porém, que o testemunho de Deus nas Escrituras não deixa dúvida. Pela palavra de três testemunhas será confirmada toda a palavra.

Moisés

"E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente; esta (Jesus) te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar" (Gn 3.15).

o autor do livro de Samuel

"Quando teus dias forem completos, e vieres a dormir com teus pais, então farei levantar depois de ti um dentre a tua descendência, o qual sairá das tuas entranhas, e estabelecerei o seu reino" (1Sm 7.12).

João

"E o verbo se fez carne e habitou entre nós" (10 1.14).

Paulo

"Deus, enviando seu filho em semelhança da carne do pecado ... " (Rm 8.3).

"Mas a si mesmo se esvaziou tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante ao homem" (FI 2.7).

2. Analisando sua natureza humana

Aqueles que nos narraram a vida de Jesus não o fizeram "segundo fábulas artificialmente compostas" (2Pe 1.16), mas por meio de contato pessoal ou de contato com testemunhas oculares (Y. Lc 1.1-4; Jo 21.23,24; 110 1.1,2; 2Pe 1.16-18). Qualquer, pois, que quiser afirmar algo sobre Jesus terá de curvar-se à autoridade divina e pessoal das Escrituras da Nova Aliança, que nos apresentam alguém completamente identificado com a humanidade. As Escrituras, em nenhuma parte, negam que Jesus era verdadeiro Deus e verdadeiro homem.

Suas limitações físicas

Dentro dos limites da capacidade física, Jesus realizou a vontade do Pai. Assim como nós, homens, Jesus também estava sujeito à:

Sede

"Depois, vendo Jesus que tudo já estava consumado, disse: tenho sede!" (10 19.28). *Fome*

"Cedo de manhã, ao voltar para a cidade, teve fome" (Mt 21.18). *Fadiga*

"Jesus, pois, cansado do caminho, assentou-se assim junto da fonte. Era isto quase à hora sexta" (10 4.6).

Sono

"E eis que no mar se levantou uma tempestade, tão grande que o barco era coberto pelas ondas; ele, porém, estava dormindo" (Mt 8.24).

Limitações intelectuais

A onisciência, inerente à sua natureza divina, não se manifestava. Em sua humanidade, Jesus ficou limitado também em suas capacidade intelectuais.

Ele crescia em conhecimento

"E crescia Jesus em sabedoria [...] diante de Deus e dos homens" (Lc 2.52).

Adquiria conhecimento pelas observações

"E, vendo de longe uma figueira com folhas, foi ver se nela acharia alguma coisa. Aproximando-se dela, nada achou, senão folhas, pois não era tempo de figos" (Mc 11.13).

Era limitado em seus conhecimentos sobre o futuro

"Mas daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos do céu, mas unicamente meu Pai" (Mt 24.36).

Limitações morais

"Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém, um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado" (Hb 4.15).

Limitações espirituais

Nem mesmo nesta área Jesus foi poupado. Antes, venceu, não porque era divino, mas porque era completamente consagrado e dedicado a Deus. Se assim não fosse, teria sucumbido diante das tentações.

Jesus dependia da oração para ter poder

"E, levantando-se de manhã, muito cedo, fazendo ainda escuro, saiu, e foi para um lugar deserto, e ali orava" (Mc 1.35).

Ele necessitava da orientação de Deus

"E aconteceu que naqueles dias subiu ao monte a orar, e passou a noite em oração a Deus. E, quando já era dia, chamou a si os seus discípulos, e escolheu doze deles, a quem também deu o nome de apóstolos" (Lc 6.12,13).

Ele dependia da união do Espírito Santo

"Como Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com virtude; o qual andou fazendo bem, e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus era com ele" (At 10.38).

Teve uma identificação com seu meio social

Não se fala dele como um ser misterioso que surgiu de repente e de repente desapareceu. Mesmo aqueles que o rejeitaram tiveram com Ele uma convivência normal. Poucos vultos do passado tiveram uma documentação do seu passado tão vasta.

Ele possui uma genealogia

Uma genealogia naquela época era tão ou mais importante quanto uma certidão de nascimento hoje. A genealogia não só identificava pai e mãe como também a família e a tribo. Embora Mateus 1.1-16 e Lucas 3.23-38 possuam algumas distinções, podemos ver o Filho de Deus tendo uma completa identificação terrena.

Ele teve uma família

Mãe, pai, irmãos e irmãs faziam parte da vida terrena de Jesus. Em Marcos 6.3 seus opositores se espantaram de que falasse de maneira tão sublime, pois o tinham visto crescer, e seus irmãos e irmãs eram conhecidos entre eles.

Ele teve uma profissão

Até isto não ficou encoberto. "Não é este o carpinteiro ... ?" (Mc 6.3), perguntavam. Jesus não foi um asceta, e muito menos um viajante que foi à Índia para aprender seus mistérios, como os ocultistas querem que o mundo acredite. Jesus não foi alheio ao seu meio, antes, fez parte integrante e integrada nele.

3. Possuía uma natureza em tudo humana

Em seu aspecto básico, o ser humano é constituído de corpo, alma e espírito (1 Ts 5.23; Hb 4.12). Se Jesus era realmente humano, sua natureza, no aspecto básico, também não poderia ser diferente. E, de fato, não era, pois as três partes básicas desta natureza existiam em Jesus.

Corpo

Foi Ele mesmo quem disse: "... um espírito não tem carne nem ossos ..." (Lc 24.39). Em muitos lugares, também fica clara a referência ao seu corpo, como em Mateus 26.12, por exemplo: "Pois, derramando este perfume sobre o meu corpo ..."

Cegos são aqueles que são incapazes de aceitar este Jesus, como fazem os espíritas, os hindus e os seguidores da Nova Era. Seu Jesus pode ser desencamado, mas o Jesus das Escrituras não ..

Alma

Ao soprar Deus no homem o fôlego de vida, é dito: "... e o homem tomou-se alma vivente" (Gn 2.7). Logo, a alma é parte inerente da natureza do homem. O Senhor Jesus disse no Getsêmani: "... a minha alma está profundamente triste, até a morte" (Mt 26.38).

Espírito

Como nós, Jesus também tinha um espírito. Em Lucas 23.46, lemos: "E, clamando Jesus com grande voz, disse: Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito. E, havendo dito isto, expirou".

4. Igual, mas diferente

Pelo menos em dois aspectos (e só!) Jesus era diferente da raça humana. Todavia, estas diferenças eram de suma importância e de extrema necessidade, do contrário, lhe seria impossível servir aos propósitos divinos.

A primeira refere-se à sua geração, a segunda, à sua vida sem pecado. Aqui está o contraste entre Jesus e a humanidade inteira. Sua obra dependia destes fatores.

Aqueles que admiram os milagres realizados por Jesus deveriam saber que tais milagres, em sua maioria, podem também ser realizados por seus seguidores. Embora tenhamos este poder, nos outorgado pelo próprio Jesus, por meio do Espírito Santo, jamais poderemos nos igualar a Ele nestes dois pontos de sua vida: seu nascimento virginal e sua vida sem pecado. Na verdade, é aqui que reside a eficácia da obra salvadora de Deus.

Seu nascimento virginal

Este fato é claramente afirmado nas Escrituras da Nova Aliança. As pessoas que negam esta verdade agem dessa forma porque lêem os textos sagrados com o preconceito de que milagres não existem. Assim,

tais críticos não merecem qualquer atenção, pois querem ser matemáticos que não crêem na exatidão dos números, querem ser psicólogos que não crêem na existência da mente. Seus raciocínios são fúteis (Rm 1.21).

Agora, no entanto, nos deteremos em dois pontos: no fato e na sua razão.

o fato

Dos quatro livros biográficos da vida de Jesus, dois deles mencionam o aspecto virginal de seu nascimento, Mateus e Lucas. Marcos, com sua narrativa resumida, não o faz porque se concentra mais em sua obra. E João, por destacar o lado divino de Cristo, também não o menciona.

Contudo, estas duas narrativas, registradas em Mateus 1.18-25 e Lucas 1.26-38, se complementam de tal forma que temos material abundante para confirmar o fato. Cada afirmativa feita pelos dois biógrafos está relacionada à geração sobrenatural do Filho de Deus.

As genealogias

As duas narrativas tiveram o cuidado de acrescentar uma expressão que demonstra que Jesus era filho de José apenas aparentemente. Vejamos:

"E Jacó gerou a José, marido de Maria, da qual nasceu Jesus, que se chama o Cristo" (Mt 1.16). "E o mesmo Jesus começava a ser de quase trinta anos, sendo (como se cuidava) filho de José, e José de Heli" (Lc 3.23).

José

Embora não apareça em Lucas e em Mateus, a atitude de José, porém, é visível. Eles, José e Maria, estavam noivos. Este é mais ou menos o sentido da palavra "desposada" em Mateus 1.18. Quando soube da gravidez (o fato) sobrenatural de Maria, José intentou deixá-la secretamente (Mt 1.19). O fato de José não ter tocado em Maria maritalmente pode se lido no versículo 25, onde diz que José "não a conheceu até que ela deu à luz um filho". Logo, os próprios atos de José atestam a virgindade de Maria.

Maria

Lucas faz a descrição da anunciação do anjo a Maria. Pelas palavras dos seus próprios lábios, ela era virgem: "Disse Maria ao anjo: como se fará isto, visto que não tenho relação com homem algum?" (Lc 1.34).

Além disto, em sua narração sobre Maria, Lucas faz questão de relatar o seguinte: "a uma virgem desposada de um homem cujo nome era José, da casa de Davi. O nome da virgem era Maria" (Lc 1.27). Mateus, ao afirmar a gravidez de Maria pelo Espírito Santo, fez questão também de frisar: "antes que coabitassem".

Os anjos

O anjo que apareceu em sonhos a José testemunhou que Maria estava grávida pelo poder do Espírito Santo (Mt 1.20). O próprio anjo Gabriel, ao dirigir-se a Maria, disse-lhe que ela haveria de conceber pela virtude do Espírito Santo (Lc 1.33). Logo, tomam-se eles testemunhas fiéis deste fato.

[saías

"A virgem conceberá e dará à luz um filho" (Is 7.14).

Setecentos anos antes de Cristo o profeta messiânico já estava declarando o ato miraculoso da concepção do Messias. E Mateus, escrevendo aos judeus, para quem as Escrituras tinham um valor inegável, não poderia deixar de usar aquela expressão que tantas vezes aparece em sua biografia: "Tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que foi dito da parte do Senhor ao profeta" (Mt 1.22).

Observação: o fato de nenhum outro escritor da Nova Aliança ter-se referido ao nascimento virginal de Jesus não invalida este acontecimento. Todos -os argumentos apresentados até aqui são mais do que suficientes para produzir convicção. O silêncio de alguém não pode falar mais alto do que o testemunho de outra pessoa. Uma ausência não pode ser mais convincente do que uma presença.

Não obstante outros escritores inspirados não confirmarem este fato, eles, porém, não o negaram. E a fé no nascimento virginal de Cristo esteve presente na igreja desde o início da mesma, como atestam, abaixo,

os escritos dos continuadores da obra - testemunho de Inácio de Antioquia, um dos discípulos dos apóstolos:

" ... *Ele pertence à raça de Davi segundo a carne, mas Filho de Deus por vontade e poder divino verdadeiramente nascido de uma virgem e batizado por João*".

A razão do fato

Até aqui, vimos afirmando o nascimento virginal de Jesus Cristo: "Foi assim". Daqui por diante, explicaremos a razão de ter sido assim.

Deus, ao criar a vida, fê-la com a capacidade de se reproduzir. A vida gera vida, é uma lei da natureza. Este axioma é verdadeiro com respeito à biologia e também às Escrituras. Uma pedra não gerará uma árvore, nem uma árvore gerará uma pedra. Um porco não dará à luz a terra, nem a terra dará à luz um porco.

Vamos dar um passo. Toda vida produz outra vida semelhante. Um gato gerará um gato, nunca um cachorro. Um cachorro gerará um cachorro, nunca um macaco. Em termos bíblicos, isto equivale a dizer que cada ser vivo sobre a terra produz fruto "segundo a sua espécie" (Gn 1.11, 12, 21, 25).

Com o homem, isto não foi diferente. Ele gerará descendentes segundo a sua espécie. Foi justamente este o plano de Deus (Gn 1.28). Mas, até então, o homem trazia em si a imagem de Deus. Como um espelho, ele refletia a glória de Deus. E o mesmo aconteceria com seus descendentes.

Mas o pecado, infelizmente, embotou e quebrou este espelho, a ponto de a imagem nele refletida não ser mais a perfeita imagem de Deus. O veneno do pecado agora estava em seu sangue e na sua alma. O homem era o mesmo, só que com uma qualidade inferior. Então, esta característica se propagaria aos seus descendentes. Nem mesmo o dilúvio poderia destruir esta característica; pôde, sim, destruir um sistema perverso, mas não alterou a natureza decaída do homem .

Adão teria descendentes "conforme sua espécie". Quando ele gerou um filho, gerou-o "à sua semelhança, conforme a sua imagem" (Gn 5.3). Usando uma paráfrase, diríamos: "conforme a sua imagem decaída", e não conforme a imagem perfeita original.

E isto ocorreu devido ao tipo de semente. Ora, qualquer agricultor tem ciência de que a qualidade da semente determinará a qualidade do fruto. O homem, ao fecundar a mulher, coloca nela uma semente que a Nova Aliança chama de "semente corruptível" (I Pe 1.23). O fruto, ou seja, o descendente, será da mesma qualidade.

Este fato foi reconhecido por Davi que, ao compor o Salmo 51, admitiu que na sua concepção o pecado já estava presente nele. É o que ele diz: "Qertamente em iniquidade fui formado e em pecado me concebeu minha mãe" (v.5).

No homem Jesus, esta imagem deveria ser resgatada em todos os aspectos. Jesus foi, como homem, a imagem de Deus e o alvo da obra redentora sobre a humanidade. Ele veio para restaurar esta imagem nos seres humanos. Podemos ler sobre este assunto em Romanos 8.29, I Coríntios 15.49, 2 Coríntios 3.18 e Colossenses 3.10. Isto teria sido impossível a qualquer pessoa que tivesse nascido da semente de Adão diretamente. Sim, dizemos diretamente porque, embora o receptáculo da semente divina (Maria) fosse proveniente de Adão, a semente em si não era. Logo, foi necessário que o último Adão trouxesse uma imagem de Deus não embotada.

Assim, o nascimento virginal de Cristo não foi um mero sinal à casa de Israel, mas uma necessidade indispensável ao propósito restaurador de Deus.

Sua vida sem pecado - a santidade de Jesus

Vamos tratar aqui um raciocínio semelhante: o fato e a necessidade do fato. **O fato**

Jesus realmente não tinha pecado? É fácil afirmar isso quando não convivemos com alguém, ou quando o amor nos cega a ponto de não enxergamos as falhas da outra pessoa. Todavia, os que testemunharam da justiça, honestidade e inculpabilidade de Jesus foram aqueles que conviveram intimamente com Ele ou ainda aqueles que não o amavam.

Os testemunhos a seguir compõem uma lista e atestam sua vida (de Jesus) sem pecado:

o próprio Jesus

"Pode algum de vós acusar-me de pecado?" (10 8.46).

"Se aproxima o príncipe deste mundo. Ele nada tem em mim" (Jo 14.30).

Pilatos

"Tendo dito isto, tomou a ir ter com os judeus, e lhes disse: Não acho nele crime algum" (10 18.38).

"Então Pilatos saiu outra vez fora, e disse-Ihes: Eis aqui vo-lo trago fora, para que saibais que não acho nele crime algum" (10 19.4).

"O presidente, porém, disse: Mas que mal fez ele?" (Mt 27.23).

A esposa de Pilatos

"E estando ele no tribunal, sua mulher mandou dizer-lhe: Não entre na questão deste justo, pois num sonho muito sofri por causa dele" (Mt 27.19).

o ladrão da cruz

"Mas este [Jesus], nenhum mal fez" (Lc 23.41).

Os demônios

"Bem sei que és o Santo de Deus" (Lc 4.34).

João Batista

"Eu preciso ser batizado por ti, e vens tu a mim?" (Mt 3.14).

Pedra

"Mas vós negastes o Santo e o justo" (At 3.14).

"Ele não cometeu pecado, nem na sua boca se achou engano" (IPe 2.22).

João

"E nele não há pecado" (110 3.5).

Paulo

"Aquele que não conheceu o pecado, ele fez pecado por nós, para que nele fôssemos feito justiça" (2Co 5.21).

"Em tudo foi tentado, mas sem pecado" (Hb 4.15).

A razão do fato

Em primeiro lugar, era necessário que Jesus fosse sem pecado, para que se tornasse um exemplo. O Senhor Deus, em Cristo, nos deu um padrão a ser seguido. Foi o próprio Jesus quem disse: "Eu vos dei o exemplo para que façam o que eu fiz" (10 13.15). Pedro, sem dúvida, captou esta importância da vida irrepreensível de Jesus. Em sua epístola, ele escreve: "Porque para isto sois chamados; pois também Cristo padeceu por nós, deixando-nos o exemplo, para que sigais as suas pisadas" (IPe 2.21).

Em segundo lugar, era necessário que Jesus fosse sem pecado, para que pudesse ser um sacrifício perfeito. Era a exigência divina para os sacrifícios da Antiga Aliança: que os animais fossem sem defeito (Lv 1.3). A vida sacrificada em lugar do culpado tinha de estar isenta de culpa. Seria inaceitável uma vida contaminada e manchada. Era dessa forma que os animais eram utilizados simbolicamente para a expiação na Antiga Aliança. Por um lado, eram inocentes, pois não tinham consciência do pecado, e, por outro, eram perfeitos, pois não tinham defeitos.

Tais sacrifícios nada mais eram do que sombras. Na realidade, não poderia ser inferior como sacrifício resgatador e substitutivo. Jesus era o Cordeiro de Deus (10 1.29) e, sendo assim, qualquer mancha, defeito ou contaminação no sentido real teria anulado a eficácia de sua morte. Por isso, Ele tinha de ser "como um cordeiro sem defeito, sem mancha" (IPe 1.19).

Em terceiro lugar, era necessário que Jesus fosse um sacerdote perfeito, com um sacerdócio perfeito. O sacerdócio arônico não foi eficaz completamente, devido às falhas dos oficiantes. Mesmo o sumo sacerdote

não ousaria entrar diante de Deus no lugar santíssimo, ou seja, no santo dos santos, sem que antes se purificasse (Hb 5.3). Com respeito a Cristo e ao seu sacerdócio, lemos esta maravilhosa declaração em Hebreus 7.26, 27: "Por que nos convinha [isto é, era necessário] tal sumo sacerdote, santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores, e feito mais sublime do que os céus; que não necessitasse, como os sumos sacerdotes, de oferecer cada dia sacrifícios, primeiramente pelos seus próprios pecados, e depois pelos do povo".

o homem Jesus

Quando olhamos para o homem Jesus de Nazaré, temos a consciência de que estamos diante do homem perfeito no qual o Filho de Deus se tornou. Sua personalidade e caráter superaram quaisquer outros que tenham existido neste mundo. Nenhum personagem histórico aproximou-se da perfeição moral encontrada em Jesus. Hoje, depois de 2000 anos de cristianismo, certas atitudes parecem ser normais. Mas quando olhamos para o mundo de sua época, vemos Jesus falando, ensinando e praticando coisas que estavam em aberta contradição com tudo o que então se pensava.

o amor de Jesus Cristo

É impressionante como Jesus conseguiu reunir os dez mandamentos, núcleo de toda a fé judaica, e resumí-los de forma espetacular, utilizando-se de duas passagens do Pentateuco. E os dois mandamentos deixados por Ele se resumiram em amar a Deus e os homens.

Mas este amor não foi apenas um mandamento exposto, mas sua forma de vida.

E foi justamente a manifestação deste amor que o colocava em contato com os desprezados e injustiçados. A forma como Jesus participou de sua época provocou grande impacto. Sua convivência com os pobres, com as mulheres, com os pecadores e com as crianças era inovadora, revolucionária.

Seu amor pelos pecadores rendeu-lhe o título de "amigo dos pecadores" pelos seus inimigos (Mt 11.19), o que então não parecia ser uma política muito agradável para alguém que era o Messias. O sistema farisaico que dominava o judaísmo da época era altamente asceta no que se referia ao contato com as pessoas. Mas o amor de médico que Jesus possuía o levou a aproximar-se dos pecadores, para curá-los.

Outro ponto em que o amor de Jesus quebra os paradigmas está relacionado ao preconceito racial. Os judeus chamavam os gentios de cachorrinhos e os samaritanos de endemoninhados. Mas Jesus louvou a fé aos não-judeus (Mt 8.513) e mostrou o cuidado de Deus por eles (Lc 4.24-27). Quanto aos samaritanos, Jesus ousou contar uma parábola, na qual um levita e um sacerdote eram "vilões" e o herói, um samaritano (Lc 10.25-37).

Quanto às mulheres, esta classe tão desprezada e inferiorizada na época de Jesus, o Senhor, em seu amor, parou para conversar com uma delas que, além de mulher, era uma samaritana de vida errada (Lc 10.41-42). O impressionante poder do seu amor estava muito acima dos conceitos e preconceitos de sua época.

Por fim, seu amor tornou-se patente também em sua relação com as crianças.

Estas, na cultura da época, eram simples entraves. Para se ter uma idéia, na legislação romana os pais tinham permissão para matar os filhos recém-nascidos que não lhes agradassem. Quando os discípulos seguraram as crianças para que não se aproximasse de Jesus, estavam, na verdade, tomando uma atitude comum para a época (Mt 19.13-15). Mas o amor de Jesus chegava aos pequeninos também.

O efeito que teve a narração de sua vida sobre o mundo cruel e desumano daquela época é difícil de ser calculado hoje. Mas, com certeza, foi um efeito transformador, ditado mais por seus atos de amor do que por seus próprios ensinamentos.

A mansidão de Jesus Cristo

Segundo suas próprias palavras, Jesus veio para servir (Mt 20.28). Era uma concepção alta demais para o povo de Israel: um Messias que serve. Um Cristo humilde era a última coisa que eles esperavam.

Outro ponto que vale a pena ser destacado é que, embora Jesus fosse sábio, corajoso, persistente e amoroso, as únicas qualidades que Ele fez questão de dizer que possuía foram mansidão e humildade de coração (Mt 11.29). Sua humildade foi ao extremo quando Ele foi levado preso, julgado e entregue para ser crucificado. Então, a figura a qual Jesus é comparado é a de um cordeiro (Is 53.7). Que outra figura seria mais adequada para descrever a humildade? Jesus foi o Cordeiro de Deus (Jo 1.29) que aceitou a cruz que lhe estava

proposta sem abrir a boca.